



E NOS PASSOS DA DANÇA, ELA SE TORNOU PROFESSORA... ANÁLISE DA HISTÓRIA DE VIDA E DA FORMAÇÃO DOCENTE¹

Thalita Ferreira Rodrigues Ferreira

Marise Botti

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi compreender a dança como experiência formadora durante a história de vida de uma professora, e suas conseqüências em seu fazer pedagógico. Utilizamos como caminho metodológico a entrevista (auto)biográfica. Concluímos que as experiências vividas com a Dança foram determinantes ao processo de formação desta professora.

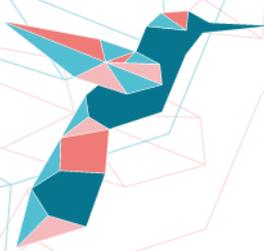
PALAVRAS-CHAVE: dança; experiências; história de vida

INTRODUÇÃO

Nesta investigação buscamos compreender o processo de formação de professores, por meio da história de vida, resgatando experiências relevantes que se estabeleceram como reflexos na prática docente. Descobrimos a importância de não nos prendermos somente aos dados do tempo presente, como um tempo fragmentado de suas histórias e de suas marcas, mas tentamos nos ater aos elementos que contribuíram para o processo de formação que ocorreram durante toda a trajetória de vida da professora. Concordamos com Bueno (2002) quando a autora afirma que é preciso pensar a formação do professor como um processo, cujo início se situa muito antes do ingresso nos cursos de habilitação, ou seja, desde os primórdios de sua escolarização e/ou até mesmo antes, e se segue durante todo o percurso da vida.

Aliados ao entendimento do processo formativo do professor e de sua prática pedagógica, incluímos nesta investigação outro aspecto que nos é inquietante no âmbito escolar: a “ausência” do trabalho com a Dança nas aulas de Educação Física, bem como sua frequente marginalização nas atividades sistematizadas e planejamentos escolares. Ao investigar este contexto, notamos que a Dança, quando presente, aparece geralmente nas datas comemorativas, nas rodas de recreio, nos festejos tradicionais, mas dificilmente nas aulas de Educação Física, por um processo de ensino-aprendizagem que se constitui de relações

¹ O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



didático-pedagógicas significativas e formativas aos alunos, o que torna a apropriação deste conhecimento de forma utilitarista e instrumental.

Reconhecemos a existência de estudos que apontam motivos pelos quais a Dança vem sendo marginalizada nas aulas de Educação Física escolar, entre eles: a falta de conhecimento dos professores pelos conteúdos, a formação inicial fragilizada (KLEINUBING e SARAIVA, 2009; JÚNIOR e LIMA, 2002), o reconhecimento de uma atividade vista como extra-escolar e extracurricular e o entendimento de um saber próprio e uma linguagem expressiva específica obtida somente pelos que dançam (BRASILEIRO, 2003; MARQUES, 1990). Tais motivos nos sugerem e nos auxiliam como pontos de partida para investigar também uma possibilidade de inversão deste processo, ou seja, por outro lado, faz-se necessário reconhecer por que, como, e o que levam outros professores na contramão destes estudos. O que os motiva a fazer da Dança um conteúdo legítimo de seu trabalho, aliando-a a arte, a música e a sensibilidade humana, como meio de emancipação e libertação dos sujeitos?

Neste viés, pensando naqueles que se dispõem ao trabalho e a descoberta por meio da Dança nas aulas de Educação Física numa direção progressista e artística, lançamos o seguinte problema: quais experiências os professores de Educação Física tiveram com a Dança, a partir de sua história de vida, que os fazem materializar este conteúdo na sua prática docente? Em que instante deste caminhar, entre vivências habituais e experiências, o ser professor atribui significado para a Dança, de modo que este conteúdo se transporte para a sua ação pedagógica? De fato, para se chegar a determinadas respostas, é inevitável que se cruze a “maneira de ser” do professor com a sua “maneira de ensinar” e se desvende na sua “maneira de ensinar” a sua “maneira de ser” (NÓVOA, p.17, 1995).

Para tentar refletir sobre tais questionamentos, elegemos neste estudo uma professora de Educação Física da Educação Básica que, caminhando numa direção satisfatória em sua ação pedagógica, se dispôs a compartilhar conosco seus registros e suas memórias vividas com a Dança durante toda sua história.

Convencidos de que, investigando estes relatos autobiográficos, podemos sugerir e compreender algumas experiências relevantes à formação e atuação desta professora, bem como descobrir em que momento, em que tempo e como estas experiências aconteceram, quais foram decisivas para a sua ação pedagógica. Tentaremos no presente texto ultrapassar os limites do espaço e do tempo do ser professor, em complemento com as demais dimensões decorrentes da vida, pois de acordo com Santos, Bracht e Almeida (2009), esses limites



trouxeram a profissão docente uma redução de um conjunto de competências e capacidades vinculadas à prática, o que provocou uma separação entre sua vida pessoal e profissional.

Além do mais, a importância e a necessidade da Dança estar efetivamente presente, enquanto conhecimento legítimo e necessário nas aulas de Educação Física, também se perfazem pela singularidade a ela atribuída, pois àquele que se propõe à dançar pode ser tocado em sua sensibilidade mais íntima. Quem dança se torna capaz de transcender para além dos limites da execução de movimentos desprovidos de sentidos, ele se torna capaz de criar uma forma de “pensamento do corpo”, onde os movimentos elaborados traduzem estados de espírito e/ou inquietações presentes no próprio sujeito e no mundo em que vive. Conseqüentemente, a experiência pela Dança proporciona ao professor a possibilidade de transformá-la em um instrumento de ação pedagógica vasta, criando interpretações, significados, sentidos e movimentos capazes de problematizar infinitas tensões que permeiam o mundo e as relações entre os sujeitos.

DA EXPERIÊNCIA À DANÇA OU DA DANÇA À EXPERIÊNCIA

Procuramos pontuar a Dança dentro de um viés da história de vida, em que buscamos elucidar os momentos mais relevantes de aproximação de uma professora com esta manifestação. Entretanto, não tivemos a pretensão de nos apropriarmos de todos esses momentos vividos por ela, mas sim de buscar, por meio dos registros autobiográficos, os que foram, de fato, expressivos, nos quais os traduzimos como experiências. No diálogo entre a Dança e a experiência identificamos certa analogia conceitual, em que ambas se remetem a região da sensibilidade e da percepção humana, à construção sensível da existência que ocorre tanto no nível do consciente como naquele que está submerso em cada um. (SILVA et al, 2009).

Neste viés, corroboramos com Fensterseifer e González (2008) em afirmar que o conceito de experiência no campo da Educação Física se faz em relação ao corpo enquanto sujeito, e simultaneamente passa desde uma perspectiva genealógica de história de vida vinculada às práticas corporais. Ainda para estes autores, a experiência é considerada como o resultado de um processo histórico no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade.



Diferentemente da vivência, que segundo Abbagnano (2007), compreende a atitude de observação, juntamente com uma relação concreta com o objeto, assim como, uma relação com um fim em si mesma, temos a experiência como algo que nos acontece para além do “concreto”, pois ela nos alcança, nos apodera e nos transforma. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso, podendo ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo (HEIDEGGER, 1987).

O sentido de experiência pode ser compreendido como uma maneira de sentir individualmente o que é representado pelo "vivido" ou como uma maneira de construir a realidade, de experimentar e de se reconstruir (FIGUEIREDO, 2004). Quando o mesmo autor se apropria das afirmações de Dubet (1994) notamos um conceito de experiência um tanto quanto abrangente às ações do mundo, pois para ele "a experiência social não é uma 'esponja', uma maneira de incorporar o mundo por meio das emoções e das sensações, mas uma maneira de construir o mundo."

Mas, como, em que tempo e por meio do que algo nos constitui como experiência? Segundo o filósofo alemão Walter Benjamim, encontramos-nos em plena “pobreza de experiência”, onde as causas dessa crise são seqüelas de um desenvolvimento contínuo da técnica e a privatização da vida, que ela determina. A técnica se desenvolveu de tal forma, que a própria vida privada se torna alvo de sua violenta intervenção. O privado passou a ser público, e a subjetividade, que é determinante para o desenvolvimento do homem, é menosprezada em favor da objetividade (CRUZ, 2007).

A desvalorização da subjetividade do sujeito fica mais clara nas palavras de Larrosa (2002) quando cita que,

[...] A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. (...) O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, externamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência. (p. 4)



Paralelamente a isto, Benjamin nos diz que não é de se espantar que os homens aspirem a libertar-se de toda experiência, aspirem um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza e que, ainda assim, algo de decente possa resultar disso. Esta “pobreza” constitui um tipo de barbárie que “impede o sujeito a partir para frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda” (BENJAMIN, 1993, p. 2).

Desta forma, temos o sujeito da experiência, que segundo Larrosa (2002) é, sobretudo, aquele em que permite haver lugar para os acontecimentos, onde há um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. E denota o “fazer” experiência como, “a possibilidade de algo que nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm” (LARROSA, 2002, p. 24).

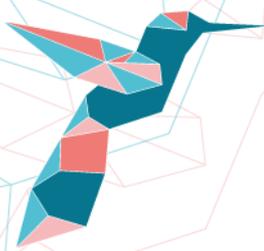
Para transformação da realidade existente e a efemeridade dos dias atuais, o indivíduo necessita ir além, se transportar para além da reprodutibilidade, transformando-se e modificando seu saber docente. Nesta perspectiva, a dança promove, assim como em outros contextos da Arte, essa passagem que vai além do plano da representação. Acredita-se que nela exista um fator desencadeante de sentidos/sensibilidades,

um meio de entrar em outro mundo, no mundo do outro. Torna-se outramento, diferenciação. Ao se conectar com as forças do Impessoal, o corpo que dança se desprende de sua identidade e se abre para a criação de novos contornos, experimentando, assim, gestos de mundo e novos modos de existir (MOEHLECKE e FONSECA, p. 48, 2005).

Pela Dança, o corpo mostra que é capaz de arte e passa a representar um corpo-pensamento e não mais a representação de um pensamento preso num corpo (DANTAS, 1999 *apud* SPINDLER, 2005). Como ferramenta na produção de saberes este corpo-pensamento pode criar diferentes formas de se expressar e interpretar a realidade a sua volta. Transformar o corpo que se move em linguagem é torná-lo capaz de ilustrar situações concretas e abstratas que permeiam a vida humana.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atender os objetivos propostos e possibilitar a análise do percurso formativo da professora, nos apropriamos dos procedimentos metodológicos qualitativos, pois de acordo



com Minayo (2008) esta pesquisa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Para tanto, utilizamos como instrumento na coleta dos dados uma entrevista aberta ou em profundidade, onde o informante ou entrevistado é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador buscam dar mais profundidade as reflexões. Nesta proposta especificamente, formulamos como tema de entrevista: Qual(is) experiência com a dança a docente teve no decorrer da vida? Quais dessas experiências com a dança influenciaram efetivamente para a sua formação, e conseqüentemente na sua prática docente?

O primeiro instrumento utilizado na pesquisa teve como objetivo selecionar os professores que trabalhavam com os conteúdos da Dança nas escolas e nas aulas de Educação Física. Neste momento, não tivemos a intenção de realizar uma análise pormenorizada de todo planejamento de cada professor, mas sim de nos direcionarmos para professores de Educação Física que, no decorrer de sua história de vida, viveu e/ou vive experiências com a Dança, e que os fazem materializar este conteúdo em suas aulas. Esta etapa mais abrangente serviu-nos para selecionar a professora que nos direcionou ao próximo passo da pesquisa.

Com o propósito de conhecer a história de vida da professora e com o objetivo de investigar as experiências que esta teve com a dança, foi que elegemos para análise o método autobiográfico. Este método supõe uma valorização da subjetividade e o reconhecimento do direito dos professores de falarem por si mesmos (NÓVOA, 1995). Além disso, ao serem concebidos como sujeitos da investigação e não apenas como objeto, eles deixam de ser meros recipientes do conhecimento gerado pelos pesquisadores profissionais (GOODSON, 1995), para se tornarem, os próprios geradores e construtores de conhecimento.

Dominicé (1988 *apud* NÓVOA, 1995) em uma de suas reflexões sobre o uso das histórias de vida esclarece bem esta concepção, afirmando que a história de vida é outra maneira de considerar a educação.

Já não se trata de aproximar a educação da vida, como nas perspectivas da educação nova ou da pedagogia ativa, mas de considerar a vida como o espaço de formação. A história de vida passa pela família. É marcada pela escola. Orienta-se para uma formação profissional, e em conseqüência beneficia de tempos de formação contínua. A educação é assim feita de momentos que só adquirem o seu sentido na história de uma vida. A vida é o lugar da educação e a história de vida o terreno no qual se constrói a formação[...]. (p. 140)



Segundo o autor, a profissionalização do ensino se fez por meio do saber da experiência, e por isso entendemos que é fundamental que a própria professora, neste caso, a professora de Educação Física, se aproprie dos saberes de que é portadora, e que os perceba de forma reflexiva e conceitual diante da sua prática docente.

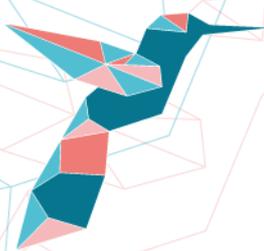
Neste intuito, é que revelando os saberes da experiência que ela teve/tem durante sua história de vida com a dança é que deliberamos como procedimentos metodológicos a utilização de sua entrevista autobiográfica, ou seja, atribuir a fala à protagonista da história, àquela que em um dado momento teve sua vida e sua práxis transformada pela experiência na esfera da dança. Corroboramos com Bracht et al (2009), na afirmação de que os professores que discorrem sobre seu desenvolvimento profissional, constantemente trazem à tona informações sobre suas próprias vidas nos seus aspectos extraprofissionais.

Com isso, na discussão dos dados utilizamos excertos da entrevista, sem contudo descaracterizá-la como uma totalidade. Tentamos abarcar na história de vida da entrevistada especificamente as experiências com a Dança e com a arte como um todo, ou seja, centramos nossos esforços de análise nestes relatos, que se referem às experiências vividas com a dança e/ou arte que interferiram diretamente na sua prática docente atual, sejam elas na infância, na formação inicial, entre outros.

A entrevista foi registrada em áudio e posteriormente transcrita pela pesquisadora. Após a transcrição, a entrevistada teve acesso a esses registros para leitura e, a seu critério, apontou-nos alguns dados relevantes e fez acréscimos em algumas respostas.

HISTÓRIA DE VIDA: OS PASSOS DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS EXPERIÊNCIAS COM A DANÇA

Neste cenário de narrativas e memórias seguimos por desmembrar as recordações e experiências de uma única professora, residente na cidade de São João Del Rei, escolhida intencionalmente para colaborar com nosso estudo. Os motivos desta escolha foram estabelecidos por meio do convívio e dos encontros entre pesquisadora e professora, os quais suscitaram em comum, elementos culturais, sociais e históricos, que apontaram caminhos para compreender o “ser professor” em construção com a vida. No caso da nossa professora esses elementos se estabelecem e se confundem entre a Dança, a escola da vida e sua formação.



A protagonista desta história é a professora Elisa², e seus primeiros passos em direção à Dança, à escola e ao “ser” professora de Educação Física tiveram início ainda na sua meninice. Nos recônditos de sua memória Elisa nos contou que, quando criança, presenciava várias situações que a aproximava da música e da Dança, uma vez que sempre observava seus familiares instrumentistas em suas atividades de ensaios, além de participar de desfiles em Escolas de Samba da cidade.

Encantada pela Dança seguiu seu trajeto e no jardim de infância já dava suas primeiras contribuições em pequenas apresentações e peças teatrais, atuando e/ou ajudando os seus colegas e professores nas coreografias. Porém, recordou que, em sua formação básica, a Dança reduzia-se às apresentações artístico-festivas.

"Eu já dançava desde a época de jardim, em que fizemos uma apresentação que me recordo vagamente porque não tenho foto e não tem nada...simplesmente eu só tenho a roupa que eu dancei...estava sempre fazendo (coreografando) então isso já vem comigo desde cedo."

Além das atividades artísticas, no decorrer da vida escolar, Elisa se envolveu com esportes como o vôlei, o basquete e o atletismo,

"Eu fazia tudo com muito gosto"

Anos depois, já na fase adulta, também se aproximou de outra linguagem cultural: o Teatro. Em seu relato, nos dá indícios do valor e da proximidade com que trata, em especial, à Dança e o Teatro em sua vida:

"A Dança é uma Arte, assim como o Canto e o Teatro, é uma forma de se expressar e dessa expressão você vai moldar a sua vida, uma maneira de se sentir melhor a cada dia".

Entretanto, quando ingressa no mercado de trabalho, Elisa não tratou diretamente destas manifestações às quais já se identificava. Mas, as oportunidades levaram-na a um universo muito rico de aprendizagem, a escola. Posteriormente, este espaço despertaria nesta

² O pseudônimo Elisa será utilizado para identificar a professora estudada, uma vez que, de nenhuma forma, os participantes e a instituição pesquisada serão identificados.



jovem o desejo de aprender cada vez mais e acima de tudo transformar seus conhecimentos em ações (trans)formadoras, nunca se afastando totalmente das linguagens artísticas.

Desta forma, sua trajetória profissional teve início pela sua atuação no papel de inspetora escolar, durante dezesseis anos, o que lhe proporcionou várias aproximações com este contexto. Durante todos esses anos, Elisa não só buscou cumprir de fato suas funções como inspetora, mas também de conhecer e buscar algo que há muito tempo a inquietava: o desejo de ter um meio para levar aos outros a arte e principalmente sua manifestação através da Dança. Assim, além dos problemas diários enfrentados, Elisa ia em direção dos primeiros anseios e desejos de ser uma professora de Educação Física.

Mas, antes mesmo que pudesse ingressar no curso de Educação Física, se dedicava a cursos de formação em Ginástica e em Dança. Logo, já conseguiu espaço para trabalhar em academias de sua cidade. Neste trajeto profissional de se dividir entre o cargo de inspetora e as aulas nas academias, ela se abdicou do ramo de inspeção para, então, dedicar-se ao curso de graduação em Educação Física. Seu argumento pela escolha do curso é que gostava de dançar, mas também queria muito poder ensinar.

"Eu gosto da dança, quero ensinar [...] sei como ensinar, porque não trabalhar nessa área? Temos que procurar uma coisa que a gente gosta de fazer [...] eu vou fazer o que gosto."

Nos anos seguintes, foi percebendo as construções simbólicas e subjetivas do meio escolar e pôde refletir acerca do tradicionalismo instalado nas aulas de Educação Física, mostrando-se insatisfeita e pensando em romper com esta barreira. Reforçando o pensamento de Bracht et al (2009) em que nos diz que o enriquecimento propiciado pela vida cultural é um fator diferenciador para pensar elaborações metodológicas distintas da cultura tradicional construída pela Educação Física.

Para tanto, até o final de sua graduação (em dois mil e nove), Elisa buscou enriquecer seu currículo com referências extracurriculares a fim de avançar nos estudos em relação à Dança, justificando a esta busca certa carência nos conteúdos vistos na licenciatura acerca deste assunto. Afirmando o pressuposto de que, a experiência social do aluno, construída durante sua trajetória de formação, dentro e fora dos espaços de ensino, interfere, influencia e/ou, de alguma forma, modela o perfil de formação inicial (FIQUEIREDO, 2004).



Seguindo seu trajeto, percebemos em suas falas que, a busca pelo conhecimento foi sempre o que a motivou a melhorar em sua formação:

"[...] A dança para mim sempre vai ser uma descoberta, eu quero aprender. [...] há sempre algo a buscar, a realizar e a ensinar".

Um dos desafios da nossa professora foi que, em dois mil e dez, junto com uma amiga, abriu um espaço específico para aulas de Dança, em que mantém atividades até o momento atual, dividindo seu turno de trabalho entre aulas de Educação Física em uma escola de Educação Infantil (desde dois mil e seis), aulas de Dança e atividades em um grupo teatral em espaços específicos dessas práticas.

Tendo conhecimento do caminho traçado por nossa professora Elisa, mediante seus relatos e, entendendo que a Dança foi “eleita” por ela, que se propôs a tal manifestação para vivê-la intensamente, questionei-a sobre as sensações que experimenta ao dançar e ensinar a dança a seus alunos. Neste momento, crucial para nossa pesquisa, é perceptível sua dificuldade em relatar tais sensações, bem como a reflexão que faz nesta atuação. Sendo assim, concordando com Silva et al (2009), quando nos diz que,

quando verbalizada, a experiência não se coloca de forma transparente, assim como não há correspondência objetiva, exata, entre a experiência e aquilo que se pensa ou que se diz ter experienciado. A experiência permanece, assim, submersa no sujeito, vislumbrada na narrativa, mas mergulhada na corporalidade, e, nem por isso, é menos importante (p. 22).

Diversos foram os conceitos e as definições apresentadas pela professora na tentativa de traduzir em palavras os sentimentos experimentados, caracterizando-os como algo intraduzível. Mas, aventurando-se nos diz que:

"É uma sensação de liberdade, de talento, de estar bem consigo mesmo, de se sentir; é uma coisa boa, uma sensação de alegria, de sentimento, de estar bem com tudo".

E faz uma comparação entre um período que se afastou da dança,

"Eu me sentia mal-humorada, irritada, sem tempo para mim."



Para Elisa, a Dança possibilita ao corpo fazer coisas nunca antes imagináveis. A Dança é,

"Você sem fronteiras, sem limites, você consegue superar muita coisa".

Algo como um instrumento, uma forma de autodescobrimento, auto-avaliação, modo de detectar e ultrapassar barreiras físicas e mentais. Caracteriza-a sempre como ponto de partida de várias descobertas sem, contudo, ter fim. Diz ainda que, a Dança é um espaço onde você consegue se “ver” de forma diferente, instiga a vontade de crescer e lidar com situações diversas,

"Ela te liberta de muita coisa, o corpo não é só uma matéria, ele transmite muita coisa e a dança te favorece, na sua postura do dia-dia, você se sente mais livre".

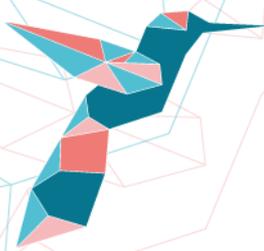
Neste momento, em que Elisa expõe seu modo de pensar sobre a Dança é que entra em cena seu principal anseio: trabalhar com tais características desta manifestação com seus alunos, nos seus diferentes espaços de ação pedagógica. E podendo realizar tal feito, nos mostra sua satisfação no ato de ensinar, que é perceptível em sua fala quando cita:

"Você chega, começa a dar sua aula, a pessoa fala que não vai conseguir, aí você batalha, faz com que ela acredite e ela consegue isso é gratificante, a pessoa conseguir fazer o movimento [...] frequentar as aulas com “gosto”, motivação."

Segundo Larrosa (2003), a questão não é fazer com que o aluno aprenda algo. Não se trata de uma relação exterior com aquilo que se aprende, na qual o aprender deixa o sujeito modificado. Trata-se de uma relação interior com o objeto de estudo, de uma experiência com a matéria de estudo, na qual o aprender forma ou transforma o sujeito. “E esta é uma bela imagem para um professor: alguém que conduz alguém até si mesmo, fazendo-o buscar sua própria forma, sua maneira própria” (LARROSA, 2003, p.51).

No ensino com as crianças não podia ser diferente, Elisa materializa em sua prática docente junto à educação infantil a oportunidade do “pensar” a Dança, como possibilidade. Mas, aponta um dado importante:

"É difícil você colocar a dança na escola porque tem o preconceito dos meninos/as meninas aceitam mais e até você colocar na cabecinha deles que a educação física não é só futebol/ de primeiro ao quinto que eu lido eu já



consegui muita coisa porque assim eu consigo passar meu conteúdo todinho sem que eles queiram futebol [...]tenho introduzido de uma maneira assim que trabalhe uma atividade com ritmos/músicas".

Contudo, tais fatores não são obstáculos para que ela ensine a Dança. Além disso, a professora não pretende afastar-se da escola para dedicar-se exclusivamente às aulas de Dança em seu espaço, pois se sente bem conciliando estas duas atividades. Quanto à abordagem em suas aulas na Educação Infantil, a professora Elisa aponta algumas soluções para realizar o seu trabalho,

"Os meninos são mais difíceis de lidar/então você vai para o lado do rip-rop para o lado do rock/já vai fazendo uma diferenciação nesse lado assim/tanto que acaba que eles tão fazendo coisas que nem acreditavam estar fazendo com a dança/mas você tem que saber introduzir muito isso na escola acho que já é difícil porque eles vêem o professor de Educação Física como professor só de futebol/mais técnico/e não é isso(...)eu tento introduzir mais as atividades cantadas que podem estar introduzindo a dança".

De acordo com Maraun (2006 apud Bracht et al 2009) com as diversas linguagens com que Elisa dialoga, bem como a prática pedagógica que constrói junto aos alunos, faz com que ela perceba as possibilidades de apropriação e produção de experiências nas quais crianças e jovens possam compreender, por meio de uma vida de movimentos, uma multiperspectividade nas tentativas de encontro com o mundo. A seu modo, vai despertando nos alunos, em ambos os espaços de trabalho, um novo olhar capaz de criar uma interface de compreensão sobre seus corpos, dentro e fora daquele tempo dedicado à prática corporal/do movimento.

REFLEXÃO FINAL

Ao final do relato da história de vida de Elisa, suas falas nos deixam clara uma observação insatisfeita acerca dos moldes em que, ainda hoje a Educação Física se forja em nossa sociedade, de forma tradicionalista e na maioria das vezes “superficializada e/ou abandonada pedagogicamente”, e principalmente pouco reflexiva acerca das possibilidades do corpo. Devido a isto, temos como consequência direta a carência dos saberes da experiência, estes saberes que remetem a toda região da sensibilidade e da percepção humana, referindo-se



à construção sensível da existência que ocorre tanto no nível do consciente como naquele que está submerso em cada um. (SILVA et al, 2009).

O ponto fulcral das experiências vividas por Elisa com a Dança, não nos é perceptível com precisão cronológica, contudo, o contato ocorrido desde a infância com manifestações da arte e da cultura a fez atribuir valores relevantes a tais áreas em sua vida, pois, durante seu percurso formativo permeou seu currículo com cursos e atividades relacionadas à Dança e à arte, desejando expandir seu conhecimento e aguçar ainda mais sua percepção sobre o tema através de seu trabalho, justificando, desta forma sua opção pela docência.

Todos nós podemos reconhecer o que, durante nossa história de vida, nos tocou de tal forma a modificar-nos profundamente. E por que não valer-se desta “experiência” como material rico na elaboração de nossa prática pedagógica? Se a experiência situa-se no âmbito da Educação Física, temos uma oportunidade de engrandecimento e aprofundamento do conteúdo, mas, se está na literatura, no teatro, na música, dentre outras, podemos mesclar este conhecimento àquilo que nos é característico de cada labor para enriquecer e interdisciplinar nosso trabalho pedagógico.

De todas as formas, valer-se dos conhecimentos adquiridos pela experiência é proporcionar àquele que aprende nova oportunidade de experimentação. Porque o saber produzido pela experiência está distante da mera reprodutibilidade técnica, ele encontra-se imerso em sensibilidade e auto-descobrimto. Ao professor é legítimo inquietar olhares para além daquilo que se vê e, fazer com que àquele que se propõe ao aprendizado, possa ir além de si mesmo, imergir-se no novo, no desconhecido.

Assim sendo, o que evidenciamos nos relatos de Elisa é que, a partir do momento em que apropria-se de sua experiência com a Dança para trabalhar com esta Arte, rompe com a barreira do conformismo e abre portas para o trabalho com os sentidos e com a subjetividade. Esta é a maior contribuição que um professor de Educação Física pode oferecer ao seu aluno, instigá-lo à busca de sua autonomia enquanto corpo que se move, enquanto ser pensante e reflexivo, valendo-se de uma criticidade que o situe como ator e autor de sua vida e do mundo.

Enfim, não há um parecer acabado frente as implicações da relação entre a experiência, formação na carreira docente e história de vida, pois, elas se perfazem e se transpassam constantemente. Mas, almejamos que, por esta biografia de experiências com a Dança, outros professores se reconheçam e passem a refletir sobre como se tornaram



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

professores, bem como a prática que estão construindo junto aos seus alunos, pois acreditamos que a superficialidade no tratamento dos conteúdos, não só da Educação Física, pode ser repensada e revertida se nos questionarmos sobre o saber que queremos produzir e de qual a melhor forma de utilizarmos deste conhecimento em que somos atores principais da nossa própria história permeada por nossas experiências.

IN THE PATH OF DANCE, SHE HAD BECOME A TEACHER...LIFE STORY ANALYSIS AND TEACHER FORMATION

ABSTRACT

The objective of this research was to understand dance as formative experience during the life story of a teacher, and their consequences in their pedagogical. Used as a methodological way the interview (auto) biographical. We conclude that the experiences with the dance were crucial to the formation of this process teacher.

KEYWORDS: *dance; experience; life story.*

Y LOS PASOS DE BAILE, SE CONVIRTIÓ MAESTRO ... ANÁLISIS DE LA HISTORIA DE LA VIDA Y LA FORMACIÓN DOCENTE

RESUMEN

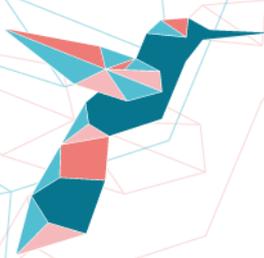
El objetivo de esta investigación fue entender la danza como experiencia formativa durante la historia de vida de un maestro, y sus consecuencias en su quehacer pedagógico. Se utiliza como una forma metodológica la entrevista biográfica (automático). Llegamos a la conclusión de que las experiencias con la danza fueron cruciales para la formación de este profesor proceso.

PALABRAS CLAVES: *danza; experiencia; historia de vida.*

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N.. **Dicionário de Filosofia**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 5ª ed., 1993, p.188.



BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com Histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. São Paulo: **Educação e Pesquisa**, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

BRASILEIRO, L. T. O conteúdo “Dança” em aulas de Educação Física: temos o que ensinar? Goiânia: **Pensar a Prática**, n. 6, p. 45-58, Jul./Jun, 2002-2003.

CRUZ, R. S. **Walter Benjamin: o valor da narração e o papel do justo**. 2009. 132 fls. Dissertação de Mestrado, Programa de pós-graduação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

FARIA, B. A.; BRACHT, V.; MACHADO, T. S. M.; ALMEIDA, U. R.; MACHADO, F. X. M. Inovação Pedagógica na Educação Física: o que aprender com práticas bem sucedidas. **Anais...** Bahia: Brasil 20 a 25 de setembro de 2009.

FIGUEIREDO, Z. C. C. Experiências Sociocorporais e Formação Docente em Educação Física. Porto Alegre: **Movimento**, v. 14, n. 01, p. 85-110, janeiro/abril de 2008.

_____, Z. C. C.. Formação docente em educação física: experiências sociais e relação com o saber. Porto Alegre: **Movimento**, v. 10, n. 1, p. 89 -111, 2004.

GONZÁLEZ, F. J. (Org.); FENSTERSEIFER, P. E. (Orgs.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2008. 421 p.

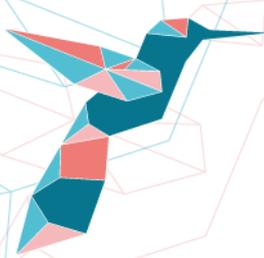
GOODSON, Ivor. **Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional**. In: NÓVOA, António. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, LDA, 1995. p. 63-78.

HEIDEGGER, M. **La esencia Del habla**. In:_____ De camino al habla. Barcelona: Edicionaes Del Serbal, 1987. Disponível em: <http://www.heideggeriana.com.ar/textos/esencia_habla.htm>. Acesso em 21-03-2012.

JÚNIOR, L. M. G.; LIMA, L. M.. Educação Estética e Educação Física: a dança na formação de professores. **Pensar a Prática** 6: 31-44, Jul./Jun. 2001-2002.

KLEINUBING, N. D.; SARAIVA, M. C. , Educação Física escolar e dança: percepções de professores no ensino fundamental. Porto Alegre: **Movimento**, v. 15, n. 04, p. 193-214, outubro/dezembro, 2009.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, Jan-Abr 2002.



- _____. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 208p.
- MARQUES, I. A. Dança e Educação. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, vol. 16, n. 1-2, p. 5-22, jan-dez. 1990.
- MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 27 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.
- NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Trad. Maria dos Anjos Caseiro e Manuel Figueiredo Ferreira. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.
- SANTOS, N. Z.; BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. Vida de Professores de Educação Física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. Porto Alegre: **Movimento**, v. 15, n. 02, p. 141-165, abril/junho de 2009.
- SILVA, A. M.; MEDEIROS, F. E.; FILHO, A. L.; SILVA, A. P. S.; ANTUNES, P. C.; LEITE, J. O. **Corpo e experiência: para pensar as práticas corporais**. In: SARAIVA, M. C.; FALÇÃO, J. L. C. (Orgs.) *Práticas Corporais no contexto contemporâneo: (in)tensas experiências*. Florianópolis: Copiart, 2009.
- SPINDLER, P. Dança: uma ferramenta potencializadora da subjetividade. **Mnemosine** Vol. 1, n. 1, 2005.